

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC(FN) LEANDRO EDUARDO DOS SANTOS

A TEORIA DE DAVID GALULA DA GUERRA DE CONTRAINSURGÊNCIA
Análise do apoio da população, forças antagônicas, configuração e o terreno na Revolução
Cubana.

Rio de Janeiro

2015

CC(FN) LEANDRO EDUARDO DOS SANTOS

A TEORIA DE DAVID GALULA DA GUERRA DE CONTRAINSURGÊNCIA
Análise do apoio da população, forças antagônicas, configuração e o terreno na Revolução
Cubana.

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval,
como requisito parcial para conclusão do Curso de
Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2015

AGRADECIMENTOS

A Deus, agradeço a minha existência, a minha família e a saúde que possuo para continuar na caminhada.

A minha esposa Helena pelas colaborações e leituras realizadas durante a confecção desse trabalho e pela paciência em entender as ausências neste ano acadêmico.

As minhas filhas Fernanda e Carolina, que embora não tenham conhecimento, iluminam de maneira especial os meus pensamentos e me fazem cada vez mais buscar o crescimento intelectual e profissional.

Ao meu orientador, CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, pelos ensinamentos e orientações que nortearam a confecção deste trabalho, sempre de maneira disposta e precisa.

Aos amigos Operações Especiais da Marinha do Brasil e do Exército Brasileiro, meu muito obrigado pelas experiências, ensinamentos e orientações que me fazem acreditar, cada vez mais, no emprego das OpEsp no combate aos diversos tipos de Guerra Irregular.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram na confecção desta monografia.

RESUMO

A Guerra Irregular é a forma mais antiga e mais usual de se combater. Com grande frequência, se desenvolve sem que seja declarada, reconhecida ou sequer percebida. Consagrou-se como alternativa de luta “dos fracos” em tentar resistir à opressão ou mesmo ao extermínio físico imposto pelos “fortes”. Antes do início do século XX, era conduzida de maneira empírica, sem metodologia, sem sistematização, sem princípios ou doutrinas. A partir do século passado foi paulatinamente transformada e aperfeiçoada, dentro de um cenário global de intensa atividade. O propósito da pesquisa é verificar, a partir do modelo teórico dos pré-requisitos para o sucesso de uma insurgência, de David Galula (1964), se a Revolução Cubana apoiou-se em algumas variáveis que compõem essa teoria, bem como o grau de importância de cada variável que permitiu o sucesso do movimento insurgente. Foi usado, como apoio, a teoria que trata da Guerra de Contrainsurgência, nos campos do apoio da população, forças antagônicas, configuração e o terreno de um país. O desenho da pesquisa foi realizado com base na análise da teoria e da realidade e concluiu-se que a teoria de David Galula serviu para explicar o sucesso da revolução, levando-se em conta o aproveitamento, pelos insurgentes, especificamente, das variáveis apoio da população, forças antagônicas e terreno. O potencial de cada variável também foi avaliado e, no caso cubano, o apoio da população e o terreno tiveram maior importância. Por fim, a pesquisa indicou a necessidade do estudo dentro do cenário brasileiro, particularmente nas tropas de Operações Especiais, adestradas também para esse tipo de situação.

Palavras-chave: Guerra Irregular. Teoria. Revolução Cubana. Apoio da População. Forças Antagônicas. Configuração. Terreno

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Interação das variáveis de David Galula selecionadas para o estudo.....	18
Quadro 2 – A situação da Guerrilha Revolucionária em Cuba.....	43
Quadro 3 – Interação das variáveis da Revolução Cubana selecionadas para o estudo.....	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	FUNDAMENTAÇÃO DOS PRÉ-REQUISITOS DE UM MOVIMENTO INSURGENTE	09
2.1	Histórico sobre David Galula.....	09
2.2	Os pré-requisitos para o sucesso de uma insurgência.....	11
2.3	Fraquezas do contrainsurgente: apoio da população e forças antagônicas.....	13
2.4	Condições geográficas: a configuração e o terreno de um país.....	16
2.5	Análise interativa das variáveis teóricas.....	18
2.6	Conclusões parciais.....	20
3	A REVOLUÇÃO CUBANA (1953-1959)	21
3.1	Histórico da Revolução Cubana.....	21
3.2	Fraquezas do contrainsurgente: apoio da população e forças antagônicas.....	25
3.3	Condições geográficas: a configuração e o terreno de Cuba.....	29
3.4	Análise interativa da realidade histórica.....	31
3.5	Conclusões parciais.....	33
4	AS TEORIAS DE GALULA X REALIDADE HISTÓRICA DA REVOLUÇÃO CUBANA	34
4.1	Análise das variáveis de Galula x Revolução Cubana.....	34
4.2	Conclusões parciais.....	37
5	CONCLUSÃO	38
	REFERÊNCIAS	41
	ANEXO	43

1 INTRODUÇÃO

A Guerra Irregular é a forma mais antiga de se combater, sendo considerada por muitos analistas como a mais usual, se comparada aos tradicionais métodos de beligerância. Ela se desenvolve muitas vezes sem que seja declarada, reconhecida ou sequer percebida pelo Estado que, em muitos casos, não a compreende, ignorando os aspectos elementares da sua natureza. A onipresença da mídia, o assédio de organizações não governamentais e a influência da opinião pública têm caracterizado um cenário em que exércitos nacionais, com orçamentos e tecnologias grandiosas, tornam-se ineficazes e antiquados na tentativa de combater nesse tipo de conflito.

Democracias ocidentais têm tido dificuldade em responder à nova realidade mundial regida muitas vezes por um método prático de violência onde elementos mais fracos podem usá-lo para desgastar, coagir ou destruir os seus adversários, geralmente, forças de um governo, a fim de obter poder político. Entretanto, conduzir uma insurgência com sucesso para alcançar as mudanças político-sociais almejadas é um grande desafio. Historicamente, o balanço favorece aqueles que lutam contra grupos insurgentes.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, ocorreram mais de oitenta conflitos dessa natureza. Podemos observar alguns exemplos em que os insurgentes foram vitoriosos, como os dois conflitos no Vietnã, Guerra da Indochina (1946-1954) e a Guerra do Vietnã (1955-1975); Guerra da Argélia (1954-1962) e a Revolução Cubana (1953-1959). Durante a década de 1990, 96% dos conflitos no mundo foram “ações de guerra não convencional”. Percebemos, portanto, que a resoluta obsessão pelos tradicionais padrões doutrinários e a lógica cartesiana de nada servem onde fatores de ordem política, cultural e psicológica prevalecem em detrimento do poder relativo de combate. Dessa forma, torna-se necessário o preparo das forças armadas para esse tipo específico de conflito.

A presente pesquisa irá estudar o modelo teórico de David Galula, do livro “A Guerra de Contrainsurgência”, abordando os pré-requisitos do sucesso de uma insurgência e a verificação de algumas variáveis teóricas dentro da Revolução Cubana, a fim de analisar de que forma essa teoria foi válida nessa realidade histórica. Para isso, o nosso propósito será o de responder a seguinte questão da pesquisa: teria a Revolução Cubana acontecido dentro do modelo teórico de David Galula, no que diz respeito às variáveis “apoio da população”, “forças antagônicas”, “configuração” e “terreno de um país”? E a importância que cada variável teve para o sucesso na revolução, que permitiu que um lado mais fraco vencesse o mais forte.

Para atingir esse propósito, pretendemos identificar no conflito da Revolução Cubana, passagens que indiquem que foram empregadas algumas das variáveis da teoria de David Galula, além de avaliar se os resultados obtidos com esse emprego contribuíram, significativamente, para a vitória alcançada pelo partido revolucionário.

Acreditamos que poderemos comprovar com a pesquisa de um conflito ocorrido na mesma época, dentro do contexto da bipolaridade mundial e que não foi abordado pelo teórico em suas obras, a validade da teoria escrita em 1964, após as experiências do escritor na Guerra da Argélia. Acreditamos ainda que a pesquisa é relevante, pois contribui com algum conhecimento nessa área para a reflexão de um restrito segmento das forças armadas, que são os militares de Operações Especiais, cujos membros são rigorosamente selecionados, treinados e orientados para atender às exigências do combate irregular.

Para respondermos as questões propostas conduziremos uma pesquisa que confrontará o modelo teórico escolhido com uma realidade específica. Buscaremos, dessa forma, as respostas para as questões da pesquisa por meio de estudos bibliográficos, de natureza qualitativa, em livros e trabalhos acadêmicos, que abordem a teoria de David Galula e da Revolução Cubana. O cruzamento dessas informações é que vai permitir identificar a validade da teoria e se esta, efetivamente, contribuiu para o resultado final alcançado.

A pesquisa será dividida em três capítulos de desenvolvimento. No segundo capítulo, será apresentado ao leitor o teórico David Galula; os pré-requisitos do sucesso de uma insurgência; a delimitação do estudo nas variáveis “apoio da população”, “forças antagônicas”, “configuração” e o “terreno de um país” e a análise interativa dessas variáveis teóricas, a fim de facilitar o estudo posterior do grau de importância entre elas.

No terceiro capítulo, será estudada a Revolução Cubana, com um breve histórico deste evento, a fim de introduzir o leitor no contexto da época estudada. Em seguida, será realizada a pesquisa voltada para as variáveis supracitadas, com o propósito de levantarmos como foram utilizadas por insurgentes e contrainsurgentes e, por fim, seguindo o mesmo modelo do capítulo anterior, será analisada a interatividade entre elas.

No quarto capítulo, será abordada a relação entre a teoria e a realidade histórica, onde estudaremos, separadamente, cada uma das variáveis selecionadas, a fim de verificarmos de que maneira a teoria de Galula ocorreu na Revolução Cubana e o grau de importância entre as variáveis no processo revolucionário, com o propósito de respondermos as questões colocadas na pesquisa.

Finalmente, apresentaremos as conclusões e indicaremos linhas de investigação futura, a fim de ampliar a pesquisa das outras variáveis que não foram abordadas no presente trabalho e a utilização em outros modelos históricos. Indicaremos também a importância do assunto dentro da Marinha do Brasil, no campo das Operações Especiais.

Passaremos, a seguir, a investigar o modelo teórico de David Galula e delimitar as quatro variáveis: “apoio da população”, “forças antagônicas”, “configuração” e “terreno de um país”, que serão confrontadas, posteriormente, com a realidade histórica.

2 FUNDAMENTAÇÃO DOS PRÉ-REQUISITOS DE UM MOVIMENTO INSURGENTE

Neste capítulo, desenvolveremos um estudo sobre a teoria de David Galula dos pré-requisitos para o sucesso de um movimento insurgente¹, com um breve histórico acerca de sua vida, mostrando o que ele representou e representa para a comunidade de estudiosos do tema. Abordaremos ainda, de maneira sucinta, os pré-requisitos para o sucesso de uma insurgência; os campos específicos da fraqueza do contrainsurgente e condições geográficas, onde serão estudadas, especificamente, as variáveis “apoio da população”, “forças antagônicas”, “configuração” e “terreno de um país”. Por fim, analisaremos a relação existente entre essas variáveis.

Este estudo é essencial para identificarmos, teoricamente, os fatores de força e fraqueza dos insurgentes e contrainsurgentes. Veremos a seguir um breve histórico do teórico selecionado para o apoio a pesquisa.

2.1 Histórico sobre David Galula

David Galula é considerado um dos maiores teóricos militares. Voltado para o estudo das operações de contrainsurgência, seus trabalhos refletem a sua variada e rica experiência. Lutou na Guerra da Argélia, como capitão e major do Exército Francês; participou, ativamente, da Guerra Civil Chinesa, a ponto de ser capturado pelas tropas de Mao Tsé-Tung e acompanhou, atentamente, a Guerra do Vietnã e a Guerra Civil Grega (1946-

¹ Neste capítulo iremos abordar apenas o termo “movimento insurgente” ou “insurgência”, a fim de que não haja confusão do leitor entre as definições teóricas de David Galula com os diversos tipos de “conflitos não convencionais”. Posteriormente, no estudo do modelo histórico, iremos abordar os outros termos existentes. “Movimento insurgente” ou “insurgência” é uma rebelião armada contra uma autoridade constituída quando aqueles que participam da rebelião não são reconhecidos como beligerantes. Nem todas as rebeliões são insurgências, porque um estado de beligerância pode existir entre um ou mais Estados soberanos e forças rebeldes (Oxford English Dictionary, *insurgent* B. n. *One who rises in revolt against constituted authority; a rebel who is not recognized as a belligerent.* 2. ed. 1989).

1949), aumentando sua experiência em insurgências. O General Edward Lansdale² foi um grande admirador de sua teoria e o levou para os Estados Unidos da América, onde ele concluiu a Escola de Guerra e participou como “*Think Tank*”³ durante o florescimento das teorias de contrainsurgência (COIN)⁴, entre os anos de 1960 a 1963 (MARLOWE, 2010).

Os seus livros, “Pacificação na Argélia” e “Guerra de Contrainsurgência”, representam a interseção de duas correntes de pensamento. A corrente mais antiga foi baseada na tradição da guerra colonial francesa, que refletiu experiências da França como colonizadora da Argélia, Indochina e da África, em meados de 1800. A linha mais recente do trabalho, que foi o objeto de análise da presente pesquisa, começou no final dos anos 50 e início dos anos 60 e teve como objetivo derrotar os insurgentes comunistas, inspirados pelas teorias de Mao Tsé-Tung da guerra prolongada. A corrente francesa dessa teorização, “*guerre revolutionnaire*”, ou Teoria da Guerra Revolucionária, caiu no esquecimento após a derrota francesa na Argélia e o fim das atividades terroristas do grupo OAS, “*Organisation de l’armée secrète*”⁵ (MARLOWE, 2010).

As obras de Galula foram, inicialmente, reeditadas em inglês e somente quarenta anos após a sua morte foram traduzidas para o francês. O livro “Guerra de Contrainsurgência” tornou-se uma das principais fontes para a atual doutrina americana do COIN, onde militares e intelectuais norte-americanos, preocupados com o progresso da contrainsurgência no Iraque

² Foi um oficial da Força Aérea dos Estados Unidos da América e serviu no "Gabinete de Serviços Estratégicos" (*Office of Strategic Services*) e na CIA. Ele alcançou o posto de general comandante e recebeu a Medalha por Serviços Prestados, em 1963, quando foi para a reserva. Foi um dos primeiros a propor uma política mais agressiva dos Estados Unidos contra os comunistas, durante a Guerra Fria (MARLOWE, 2010).

³ São organizações ou instituições que atuam no campo de grupos de interesse, produzindo e difundindo conhecimentos sobre assuntos estratégicos, com vista a influenciar transformações sociais, políticas, econômicas ou científicas, sobretudo em assuntos sobre os quais pessoas comuns não encontram facilmente base para análise de forma objetiva (FISHER; MILLER; SIDNEY, 2006).

⁴ A contrainsurreição, também chamada de guerra contrassubversiva, guerra contrarrevolucionária ou guerra contrainsurrecional ou COIN (do Inglês, *counterinsurgency*), é uma doutrina militar que visa obter o apoio da população dentro de um quadro de um conflito entre um movimento insurgente e uma força governamental de contrainsurreição (PETRAEUS, 2007).

⁵ Foi uma organização paramilitar clandestina francesa que se opunha à independência da Argélia. A OAS realizou várias ações terroristas tanto na Argélia como na França metropolitana. A sua ação mais conhecida foi o atentado contra a vida do General Charles de Gaulle (TRINQUIER, 1961).

e Afeganistão, abraçaram as teorias de Galula e suas obras. O curioso é que ele permanece ainda quase esquecido para a nação francesa, cujo uniforme ele vestiu na maioria da sua vida adulta (MARLOWE, 2010). Veremos a seguir os pré-requisitos propostos por Galula para o sucesso de uma insurgência.

2.2 Os pré-requisitos para o sucesso de uma insurgência

Neste subitem serão descritos, de maneira sucinta, os quatro pré-requisitos que embasam o sucesso ou não de um movimento insurgente, de acordo com o livro “Guerra de Contrainsurgência”, de David Galula.

O primeiro pré-requisito trata-se das causas ou motivos para se iniciar uma insurgência, que possui uma função direta com o apoio popular, em que a melhor causa é aquela que for duradoura e atrair um maior número de adeptos. Busca-se, dessa forma, uma causa estratégica e prolongada, não uma causa tática motivada por uma dificuldade efêmera. Os motivos de um movimento insurgente podem ser políticos, sociais, econômicos, raciais, culturais, etc. Se a causa é latente, a primeira tarefa do insurgente é torná-la intensa e profunda, elevando a consciência política das massas. Ela é importante nos momentos iniciais da insurgência e decresce de importância assim que a insurgência ganha força (GALULA, 1964).

A teoria de James D. Kiras⁶ corrobora a teoria de Galula de que uma campanha terrorista ou de insurgência quase sempre falham se não houver atrativo interno substancial (causa) e que a violência conduzida sem um propósito político terá, geralmente, reduzido apoio popular (KIRAS, 2007).

⁶Dr. James D. Kiras é um professor associado à Escola de Estudos Avançados do Espaço, no Alabama. Ele dirige o curso da Escola de Guerra Irregular e é Membro Associado da Universidade Conjunta de Operações Especiais, Tampa, Florida. Além disso, Dr. Kiras ministra palestras sobre temas relacionados à Guerra Irregular, Operações Especiais, Guerra Não Convencional e Terrorismo (https://www.infinityjournal.com/article/81/Special_Operations_and_Strategies_of_Attrition).

O segundo pré-requisito é a fraqueza do contrainsurgente. Galula sustenta que no início de uma insurgência existe uma situação de oposição entre o insurgente e o contrainsurgente. O insurgente é fraco em recursos tangíveis (meios) e forte em recursos intangíveis (causa); o contrainsurgente é forte em recursos tangíveis e fraco em recursos intangíveis. Esse pré-requisito aborda, a partir de uma causa ou motivo, o momento ideal de se começar o movimento propriamente dito, levando em consideração algumas condições preliminares que vão alavancar a fraqueza inicial do insurgente no início do movimento. Baseia-se em variáveis que denotam a força e a fraqueza de um regime político, como, por exemplo, a liderança do contrainsurgente, a utilização da máquina do Estado no combate aos insurgentes, por meio da polícia e das forças armadas e o apoio da população, que serão objeto de estudo posterior (GALULA, 1964).

O terceiro pré-requisito da teoria de Galula diz respeito às condições geográficas de um Estado. Essas características permitem que um movimento insurgente, com sua fraqueza inicial, possa se ocultar dos recursos e meios superiores do contrainsurgente. Ela se divide em diversos fatores, como a localização espacial de um Estado, que mostra que quanto mais isolado, mais fácil torna-se o combate do governo aos movimentos insurgentes; o tamanho de um Estado, que está diretamente ligado ao controle da população, ou seja, quanto maior em área mais difícil o controle; localização das fronteiras internacionais, que facilita o movimento insurgente se houver apoio de outro Estado vizinho e, por fim, analisa como a configuração e o terreno de um Estado influenciam diretamente um movimento insurgente (GALULA, 1964). Essas duas últimas variáveis serão abordadas posteriormente.

Por fim, o último pré-requisito que complementa o estudo de Galula do sucesso de um movimento insurgente é o apoio externo a esse movimento. Pode tomar a forma de um apoio moral, expresso pelo peso da opinião pública e da mídia; apoio político, através da pressão direta de um país, ou indireta, dentro de um fórum internacional contra os

contrainsurgentes; apoio técnico, sob a forma de conselhos para os insurgentes sobre a organização do seu movimento e a condução da sua política e suas operações militares; apoio financeiro, declarado ou não declarado; apoio militar, através da intervenção direta ao lado do insurgente ou apoiando-o com instalações e equipamentos de treinamento (GALULA, 1964).

Passaremos, a seguir, a analisar especificamente a fraqueza do contrainsurgente nas variáveis “apoio da população” e “forças antagônicas”.

2.3 A Fraqueza do contrainsurgente: apoio da população e forças antagônicas

A solidez de um regime político é, em primeiro lugar, baseado no consenso nacional de um povo. Se o insurgente consegue dissociar a população do contrainsurgente, controlando-a fisicamente e ideologicamente para obter o seu apoio ativo, ele tende a ganhar o conflito. Isso acontece porque, em última análise, o exercício do poder político depende do acordo tácito ou explícito da população ou, na pior das hipóteses, por sua submissão. Assim, a batalha pelo “apoio da população” é uma das principais características de um movimento insurgente (GALULA, 1964).

O insurgente deve, naturalmente, ser capaz de se identificar totalmente com os motivos e necessidades da maioria da população, a fim de conseguir o apoio. Na Malásia, a independência da Grã-Bretanha foi uma causa escolhida para o movimento insurgente. Entretanto, 90% do Partido Comunista da Malásia era formado por chineses. Os malaios, conseqüentemente, mantiveram-se em grande parte indiferentes à luta, ou seja, não tiveram o apoio da população. A mesma história ocorreu no Quênia, onde a independência foi exercida por uma única tribo, os *Kikuyus*, não recebendo apoio de mais nenhuma outra (GALULA, 1964).

O apoio inicial da população geralmente é motivado pela busca da segurança e não somente por questões puramente ideológicas. Isso porque a atitude da população, na fase

inicial da insurgência, não é ditada pela popularidade relativa ou pelos méritos dos adversários, mas sim por preocupações mais primitivas, como a sobrevivência (GALULA, 1964).

Outra razão positiva do “apoio da população” é a possibilidade de se explorar a fluidez dos insurgentes e, em contraste, a tendência de rigidez dos contrainsurgentes. Essa característica possibilita ao insurgente promover a desordem e dificulta o combate do contra-insurgente, visto que este possui conflitantes demandas para suprir, como, por exemplo, a proteção da população, da economia e as operações ofensivas contra o insurgente (GALULA, 1964).

James D. Kiras reforça a importância do “apoio da população”, corroborando com a teoria de Galula, como fica evidenciado na passagem abaixo:

Poucas insurgências ou campanhas terroristas têm sucesso sem alguma forma de apoio. Além de munições, os insurgentes também devem cuidar de suas vítimas e manter a continuidade do reabastecimento dos seus suprimentos, incluindo comida e água. Além disso, eles devem atualizar constantemente sua rede de inteligência sobre o paradeiro e as atividades das forças governamentais, bem como treinar novos recrutas. [...] Quase todos os teóricos concordam que o apoio popular substancial é necessário para compensar os recursos disponíveis para o Estado. Mesmo Carlos Marighella, que acreditava inicialmente que guerrilheiros urbanos poderiam encontrar e apreender os recursos necessários nas principais vilas e cidades para sustentar a luta, finalmente cedeu e reconheceu a necessidade de cultivar o apoio popular rural. (KIRAS, 2010, p.192, tradução nossa) ⁷.

Como última análise do “apoio da população”, um movimento insurgente tem uma relação direta com a fraqueza do Estado. Quanto mais fraca é a estrutura política e burocrática de um Estado, maior é o apoio populacional a um movimento insurgente. Essa característica, associada à violência, fomentam esse apoio, destruindo cada vez mais a máquina estatal de controle. Veremos agora como as “forças antagônicas” se relacionam em um movimento insurgente.

⁷ Do original em inglês: “Few insurgencies or terrorist campaigns succeed without some form of support. In addition to munitions, insurgents must also look after casualties and continually replenish their supplies, including food and water. In addition, they must constantly update their intelligence on the whereabouts and activities of government forces as well as train new recruits. [...] Almost all theorists agree that substantial popular support is required to compensate for the resources available to the state. Even Carlos Marighella, who believed initially that urban guerrillas could find and seize the necessary resources in major towns and cities to sustain the struggle, eventually relented and recognized the need to cultivate rural popular support” (KIRAS, 2010).

Existe uma assimetria entre os campos opostos de uma insurgência. Este fenômeno resulta da própria natureza da guerra, da desproporção inicial de forças entre os adversários e da diferença na essência dos objetivos. Como o início do movimento, na maioria das vezes, é definido pelo insurgente, a iniciativa da estratégia pertence a ele, escolhendo o momento mais favorável (GALULA, 1964).

A Insurgência é uma guerra bidimensional, lutada para o controle da população. Não há uma frente de combate, nem uma retaguarda segura. Nenhum segmento significativo do povo pode ser abandonado por longo tempo, ao menos que possa se defender. Esse é o motivo pelo qual a razão de força deverá estar dez ou vinte contra um, entre os contrainsurgentes e insurgentes, respectivamente, tornando a relação numérica dos efetivos militares, em relação à população, extremamente importante para que o Estado exerça o controle. As forças francesas na Indochina não se aproximaram dessa razão numérica. Isso explica o porquê do fracasso francês mesmo se tivessem uma liderança como a de Napoleão (GALULA, 1964).

Outro fator que deverá ser levado em consideração é a composição das forças armadas. No caso de uma insurgência, a arma que será empregada, primordialmente, é a infantaria, paradoxalmente, a menos sofisticada das três forças⁸. A força naval deverá ter força suficiente para bloquear toda a linha de costa e a força aérea, cuja supremacia o insurgente não pode desafiar, precisa de caças de ataque lento, aviões de transporte e helicópteros, a fim de aumentar a mobilidade do contrainsurgente. Outro fator na composição é que o insurgente, inicialmente, pode usar somente alguns combatentes e, posteriormente, captar voluntários. O contrainsurgente necessita de recursos humanos no início do conflito que acaba condenando-o ao alistamento e, conseqüentemente, a falta de lealdade nas suas fileiras (GALULA, 1964).

Com relação ao emprego das forças, existe um lapso de tempo antes da intervenção militar do Estado, visto que a força contrainsurgente não será desdobrada mais rapida-

⁸ Marinha, Exército e Aeronáutica.

mente do que seria em uma guerra convencional. Esse atraso é outra característica do movimento insurgente que permite ganhar apoio e se contrapor, como relatado anteriormente, à sua fraqueza inicial. Para se ter uma ideia, a insurgência na China durou 22 anos; na Grécia durou cinco anos; Na Indochina, nove anos; Na indonésia, cinco anos e na Malásia, doze anos (GALULA, 1964).

Por fim, o custo da guerra para os insurgentes é bem menor se comparado aos contrainsurgente. Se o insurgente resolve explodir uma ponte em um ato terrorista, gera, no governo, uma necessidade de prover segurança em todas as pontes da cidade. Um simples telefonema anônimo de um possível alerta de bomba em um aeroporto pode gerar um pânico com atrasos em diversos voos. A proporção de despesas pode ser dez ou vinte para um, ou até mais elevada. Isso varia muito em cada situação durante o curso do movimento insurgente. O britânico calculou o custo de cada rebelde na Malásia em mais de US\$ 200.000. Na Argélia, o orçamento da FLN⁹, no seu auge, chegou a US\$ 30 ou US\$ 40 milhões por ano, menos do que as forças francesas gastaram em duas semanas de combate.

Veremos em seguida, dentro das condições geográficas, especificamente, as variáveis “configuração” e o “terreno de um país”.

2.4 Condições geográficas: a configuração e o terreno de um país

Em um movimento insurgente as forças oponentes deverão ser contrabalançadas valendo-se dos aspectos geográficos da região. A não observância desses aspectos poderá condenar a insurgência antes mesmo do seu início. Por exemplo, as condições geográficas podem enfraquecer uma força política e fortalecer uma inicial fraqueza do insurgente. As variáveis, “configuração” e “terreno de um país”, de acordo com a teoria de Galula, serão

⁹Do Francês, *Front de Libération Nationale* - FLN - é um partido socialista argelino. Foi criado em 1º de novembro de 1954, como uma fusão de pequenos partidos, com o objetivo de obter a independência da Argélia frente à França (BENABDALLAH, 1982).

estudadas para que, posteriormente, sejam analisadas como se relacionam com o “apoio da população” e com as “forças antagônicas”.

A “configuração”¹⁰ afeta sobremaneira o sucesso de um movimento insurgente. Um país isolado por barreiras naturais, mar, deserto, altas montanhas, ou situado entre países que se opõe à insurgência, é favorável à contrainsurgência. Isso ocorre devido às dificuldades de apoio externo e da exploração, pelo insurgente, da região de fronteira como um “santuário”¹¹. Essa característica, somada à fluidez do insurgente, permite que, ao utilizá-la, ele possa evadir-se do país, evitando a pressão dos contrainsurgentes (GALULA, 1964).

O tamanho do país também afeta diretamente o movimento insurgente, visto que quanto maior for o país, mais difícil será para as forças do governo exercerem o controle. Um país bem compartimentalizado ou localizado em um arquipélago dificulta que se espalhe o movimento insurgente, em que a grande proporção de linhas de costa, se comparado às fronteiras interiores, irão contribuir para o contrainsurgente, já que o tráfego marítimo pode ser controlado com uma quantidade menor de meios e pessoal se comparado à fronteira terrestre. Durante a Guerra da Argélia, era mais barato para o governo francês, em dinheiro e mão de obra, suprimir o contrabando ao longo da Costa do Mediterrâneo do que ao longo das fronteiras terrestres da Tunísia e de Marrocos, onde o exército tinha que construir, manter e equipar uma cerca artificial (GALULA, 1964).

O tipo de terreno tem significativo impacto na condução da insurgência. Quanto mais resistente e difícil for o terreno, como por exemplo, montanhas, pântanos, desertos e regiões de vegetação densa, maior o benefício para o insurgente. Existem vários exemplos na história de como o terreno ajudou a insurgência. As montanhas da Grécia; os pântanos da

¹⁰ Nos aspectos da “configuração” foi abordado também pelo teórico a influência que a localização e o tamanho de um país exercem para um movimento insurgente.

¹¹ Na visão de David Galula, Os “santuários” são regiões de fronteira que permitiam que os insurgentes buscassem refúgio no país fronteiriço, que era a favor da causa revolucionária ou fraco para combatê-la. Na Insurreição da Somália (1980-1981), Os campos de refugiados na fronteira com a Etiópia, se tornaram santuários dos insurgentes e serviram para evacuação de guerrilheiros feridos além de serem locais de treinamento e recrutamento (OLIVEIRA, 2013).

planície dos Juncos, na Cochinchina; a selva da Malásia e na Manchúria, onde os comunistas chineses utilizaram lucrativamente o terreno, se valendo da vegetação de talos que cobriam toda a região. Por outro lado, a FLN nunca foi capaz de operar em qualquer período nas vastas extensões do deserto do Saara, visto que as forças francesas mantinham segurança nos oásis e poços vitais, além de possuir uma vigilância aérea que permitia observar cada movimento e cada traço deixado na areia pelos insurgentes (GALULA, 1964).

A seguir, veremos como se comportam as variáveis selecionadas analisando a interação entre elas.

2.5 Análise interativa das variáveis teóricas

A interação das variáveis selecionadas facilitará, no próximo capítulo, a organização do estudo da realidade histórica da Revolução Cubana. A tabela abaixo mostra as possíveis interações das variáveis estudadas, separadamente, neste capítulo.

QUADRO 1
Interação das variáveis de Galula selecionadas para o estudo

	Apoio da população	Forças antagônicas	Configuração e terreno de um país
Apoio da população	x	a	b
Forças antagônicas	x	x	c
Configuração e terreno de um país	x	x	x

Análise das Interações:

a) **Apoio da população x forças antagônicas** – O aumento do apoio da população ao movimento insurgente, potencializados por uma causa ou um motivo intenso, afetará diretamente a estrutura das forças armadas, acarretando diminuição no moral da tropa contrainsurgente, dificuldade no recrutamento e na manutenção da lealdade em suas fileiras.

Outro fator que tem uma relação direta é o grau de violência do Estado, que gera um aumento do apoio populacional ao movimento insurgente.

Por outro lado, se o movimento insurgente utiliza a violência sem um propósito político, terá reduzido apoio popular e, conseqüentemente, tenderá ao isolamento e ao fracasso. Isso fortalecerá o sistema político e a máquina estatal, traduzidas nas suas forças armadas. Como exemplo, a tentativa de insurgência na Bolívia (1967) foi um fracasso pela falta de apoio dos camponeses, que traíram o movimento.

b) **Apoio da população x configuração e o terreno de um país** – A característica ideal da configuração e o terreno, na teoria de Galula, que favorece o movimento insurgente, seria um país continental, com montanhas cobertas por vegetação densa ao longo das fronteiras, pântanos espalhados nas planícies, com uma população rural grande e dispersa e uma economia primitiva. Essas características isolariam a população rural no campo e, pela configuração do terreno, dificultariam o acesso e presença do Estado nessas regiões. Naturalmente, se o insurgente possui uma causa que seja a mesma do camponês, essa aproximação seria inevitável. Dessa forma, quanto maior o isolamento dessas comunidades, ausência do Estado e o apoio insurgente, maior serão a velocidade e a lealdade na captação do apoio popular.

c) **Forças antagônicas x configuração e o terreno de um país** – Um terreno de difícil acesso dificulta a ação das forças armadas contra o movimento insurgente, devido à falta de mobilidade, do apoio logístico no desdobramento das forças no terreno e da relação numérica entre as forças, que no caso da utilização de táticas de guerrilha e terrorismo pelos insurgentes, aumentariam consideravelmente a necessidade de efetivos maiores das forças regulares. A característica do terreno também vai influenciar no treinamento das forças para o combate convencional ou não convencional. Quanto maior a dificuldade do terreno de uma

região, maior a necessidade de treinamento específico para o combate descentralizado, valorizando a liderança de pequenas frações.

A configuração de um país também vai influenciar a composição das forças armadas. Em um país insular, por exemplo, a Marinha cresce de importância para patrulhar portos e área marítima, com a finalidade de cortar o fluxo logístico que chega ao movimento insurgente. Um país continental, por outro lado, a composição deverá priorizar as forças terrestres para a ação na fronteira continental, evitando a criação dos santuários insurgentes.

2.6 Conclusões Parciais

Neste capítulo, realizamos a pesquisa da teoria David Galula e sua importância na comunidade que estuda a “guerra não convencional”. Relacionamos, na visão do teórico, os pré-requisitos para o sucesso de uma insurgência e delimitamos o objeto da pesquisa em apenas quatro variáveis, que serão as mesmas analisadas no próximo capítulo. Por fim, mostramos, através da interação das variáveis, como uma delas depende diretamente do sucesso da outra, influenciando todo o movimento insurgente. Percebemos que por mais que uma variável possa ser considerada forte, ela diminuirá sua importância se as outras variáveis não puderem apoiá-la e, ao contrário, uma variável nitidamente fraca poderá ganhar importância pelo sucesso das outras.

Estudaremos, a seguir, a Revolução Cubana, com um breve histórico, a fim de situar o leitor dentro do contexto da época e a pesquisa, dentro da realidade do modelo escolhido, das variáveis analisadas neste capítulo.

3 A REVOLUÇÃO CUBANA (1953-1959)

A Revolução Cubana ¹² foi uma experiência que marcou a história latino-americana na luta de classes sociais contra o autoritarismo interno e externo.

Neste capítulo, abordaremos inicialmente, um breve histórico do que foi a Revolução Cubana dentro da conjuntura interna e externa da época; serão estudados os pré-requisitos fraqueza do contrainsurgente, observando as mesmas variáveis anteriores do “apoio da população” e “forças antagônicas” e, em seguida, condições geográficas, nas variáveis “configuração” e “terreno de Cuba”; por fim, será realizada uma análise dessas variáveis dentro da realidade histórica pesquisada.

3.1 Histórico da Revolução Cubana

Cuba, localizada a 180 quilômetros da costa da Flórida, Estados Unidos da América (EUA), faz parte da América latina e, historicamente e geograficamente, como todos os países desse subcontinente, sofreu vários séculos de exploração colonial e neocolonial.

A economia de Cuba organizara-se em torno da produção agrícola, baseada, principalmente, na cana de açúcar, que teve seu plantio introduzido no final do século XVIII. Em 1860, a colônia espanhola era responsável por quase um terço de toda a produção mundial, tendo absorvido um significativo contingente de escravos negros que desenvolveram uma sociedade tipicamente latino-americana: estratificada, injusta, marcada pelas contradições do maléfico legado ibérico, caracterizada pela concentração de renda e pela

¹² A Revolução Cubana, dentro dos padrões de um conflito não convencional, pode ser conceituada como uma guerra irregular (definida como a ênfase na utilização de forças irregulares e métodos não convencionais e os meios para subverter, desgastar e cansar o adversário, ou torná-lo irrelevante para a população de acolhimento); pode ser conceituada também como movimento insurgente ou insurgência, já definido anteriormente; com o objetivo de realizar uma revolução (busca mudanças em direção a um novo início, com a tensão entre o desejo de igualdade e a hierarquia tecnicamente necessária nas sociedades industriais); utilizou táticas de guerrilha (luta armada empreendida por pequenos grupos autônomos formados irregularmente para enfrentar forças militares mais poderosas) e ações de terrorismo (onde a coerção psicológica é o elemento chave dos ataques, que não priorizam objetivos militares e sim a comoção generalizada). (SILVA, 2004).

dominação de uma minoria abastada de latifundiários e comerciantes sobre uma grande massa de camponeses desvalidos (VISACRO, 2009).

A primeira tentativa de emancipação política ocorreu em 1868 e arrastou-se por quase uma década, sem lograr êxito. Em 1895, o herói nacional José Martí ¹³ reiniciou a luta, mas acabou morto em uma emboscada. Nessa época, os EUA já ensaiavam seus primeiros passos como potência naval e, em 1898, interferiram no processo de independência da ilha, declarando guerra à Espanha. No ano seguinte, a ex-metrópole ibérica foi derrotada pelos norte-americanos que governaram a ilha até 1902, quando a independência de Cuba foi formalmente reconhecida (VISACRO, 2009).

Mesmo independente, os EUA mantiveram, através de um perverso artifício jurídico chamado a Emenda Platt ¹⁴, o poder de ingerência sobre os assuntos internos do novo país, a fim de salvaguardar seus próprios interesses. Os cubanos reconheceram que essa emenda constituía uma ameaça à sua soberania e protestaram que a verdadeira independência de Cuba significava a “independência em relação a qualquer outra nação, inclusive a grande e nobre nação americana” ¹⁵. Essa mudança no quadro político não promoveu alterações na estrutura socioeconômica cubana, centrada ainda na monocultura de exportação do tipo “*plantation*” ¹⁶, que era agora controlada pelos EUA. Nos termos da Emenda Platt, que fazia parte da nova constituição cubana, os norte-americanos intervieram militarmente na ilha, em 1906, 1909 e 1912, a fim de garantir os interesses capitalistas, fomentando o

¹³ José Julián Martí Pérez (1853-1895), foi um político, pensador, jornalista, filósofo, poeta e maçom cubano, criador do Partido Revolucionário Cubano (PRC) e organizador da Guerra de 1895 ou Guerra Necessária (MARTI, 2002).

¹⁴ A chamada Emenda Platt foi um dispositivo legal, inserido na Carta Constitucional de Cuba, que autorizava os Estados Unidos da América a intervir naquele país a qualquer momento em que interesses recíprocos de ambos os países fossem ameaçados. Dessa forma, na prática, Cuba passou a ser um protetorado estadunidense (CASTRO, 2008).

¹⁵ Citado por Scott Nearing e Joseph Freeman, *Dollar diplomacy*, New York, B. W. Huebsch and Viking Press, 1925, p. 176.

¹⁶ “*Plantation*” é um tipo de sistema agrícola baseado em uma monocultura de exportação mediante a utilização de latifúndios e mão de obra escrava. Foi bastante utilizado na colonização da América, sendo mais tarde levada para a África e Ásia, principalmente, no cultivo de gêneros tropicais. Atualmente, é comum em países subdesenvolvidos, com as mesmas características, exceto, obviamente, por não mais empregar mão de obra escrava (<http://www.historianet.com.br/conteudo/codigo=996>).

antiamericanismo e o desejo por soberania e autodeterminação do povo cubano (VISACRO, 2009).

Nas décadas de 1930 e 1940, o ex-sargento do exército, Fulgêncio Batista, ascendeu como figura proeminente na vida política do país. Em 10 de março de 1952, véspera das eleições, Batista, por meio de um golpe de Estado, instaurou uma ditadura corrupta, comprometida com os interesses locais e com o capital norte-americano (VISACRO, 2009).

A partir de então, a mais povoada ilha do Caribe, com aproximadamente 60% da população urbana, tornou-se um país marcado por violentos contrastes sociais. Sua capital, Havana, ostentava luxo e beleza, era pródiga em cassinos e prostituição e atraía grande número de turistas norte-americanos. Enquanto isso, no meio rural, a população campesina permanecia miserável e desassistida. O país caminhava, inexoravelmente, para uma revolução (VISACRO, 2009).

No dia 26 de julho de 1953, o quartel de Moncada, o segundo maior do país, foi atacado por cento e sessenta e cinco guerrilheiros, quase todos provenientes do movimento estudantil. A ação foi comandada por um jovem advogado nacionalista, líder estudantil e filho de proprietários de terra, chamado Fidel Castro. A guarnição militar não foi subjugada nesse conflito. Mais da metade dos guerrilheiros foram mortos e os restantes capturados ou dispersos em fuga. O ataque, que fracassou taticamente, foi convertido em um sucesso psicológico, graças à violenta repressão que se seguiu. Aos olhos do povo, existia uma oposição disposta a pegar em armas contra a ditadura corrupta de Batista e a exploração internacional. Castro e seu irmão Raul, que escaparam com vida, entregaram-se às autoridades em troca do fim das represálias do governo. Em seu julgamento, Fidel Castro conduziu a própria defesa, revelando-se um inflamado orador e hábil propagandista (HUBERMAN; SWEEZY, 1961):

[...] Chego ao fim de minha defesa, mas não a concluirei como o fazem habilmente os advogados, pedindo que o acusado seja libertado. Não posso pedir a liberdade

para mim quando meus camaradas sofrem numa prisão ignominiosa, na *Isla de Pinos*; mandai-me para lá, para me unir a eles e compartilhar de sua sorte. É compreensível que os honestos estejam mortos ou na prisão, nesta República cujo presidente é criminoso e ladrão [...] Sei que a prisão será difícil para mim como tem sido para todos, cheia de covardes com ameaças e torturas perversas. Mas não temo a prisão, tal qual não temo a fúria do tirano miserável que tirou a vida de 70 irmãos meus. Condenai-me. Não importa. A História me absolverá! (CASTRO, 1959, p. 44).

Fidel Castro foi condenado a quinze anos de prisão. Entretanto, beneficiou-se de uma anistia geral e exilou-se no México, onde conheceu o médico argentino Ernesto “Che” Guevara¹⁷ e fundou o movimento 26 de Julho, em deferência ao seu primeiro feito revolucionário (VISACRO, 2009).

Em 2 de dezembro de 1956, o iate *Granma* atracou na praia de *Las Coloradas*, transportando os guerrilheiros, dispostos a derrubar definitivamente o governo despótico de Fulgêncio Batista. Refulgiaram-se em *Sierra Mestra*, sudeste da ilha, onde se iniciou o foco guerrilheiro e de onde partiu o movimento revolucionário até a capital Havana (VISACRO, 2009).

Em 13 de maio do mesmo ano, outra organização de oposição a Batista, de caráter urbano, chamada “Diretório Revolucionário Estudantil”¹⁸, conduziu um assalto malsucedido ao palácio presidencial. Em decorrência dessa infeliz ação, o Movimento 26 de Julho obteve a hegemonia da luta armada em Cuba (VISACRO, 2009).

No primeiro dia do ano de 1959, uma força de apenas 1,5 mil guerrilheiros, constituída a partir de doze remanescentes que se homizaram em *Sierra Maestra*, havia derrotado um exército regular com poder de combate muito superior e deposto uma ditadura corrupta e impopular. Em sua vitoriosa revolução, Fidel Castro, que sabiamente não se

¹⁷ Ernesto “Che” Guevara foi um dos ideólogos e comandantes que lideraram a Revolução Cubana (1953-1959), que levou a um novo regime político em Cuba. Ele participou desde então, até 1965, da reorganização do Estado cubano, desempenhando vários altos cargos da sua administração e de seu governo, principalmente, na área econômica, como presidente do Banco Nacional e como Ministro da Indústria e também na área diplomática, encarregado de várias missões internacionais (ANDERSON, 1997).

¹⁸ Grupo revolucionário que participou da Revolução Cubana. Em 1961, após o sucesso da revolução, a organização lutou contra a política de Fidel Castro, ocasionando o exílio de muitos dos seus membros. A tentativa da invasão americana na Baía dos Porcos contou com efetivos e ajuda desse grupo. Com a derrota, o movimento perdeu força e foi extinto em 1966 (<http://www.maryferrell.org/showdoc.html>).

rotulara “socialista”, “comunista”¹⁹, ou mesmo, “anti-imperialista”²⁰, estabeleceu convenientes alianças políticas; fez hábil uso da propaganda interna e internacional; conduziu no campo, com criatividade e flexibilidade, uma eficiente guerra de guerrilhas e lançou mão, na medida certa, de sabotagens e terrorismo urbano. Acima de tudo, soube explorar as vulnerabilidades e os pontos fracos do regime de Fulgêncio Batista e de suas forças armadas, enquanto atraía, progressivamente, a simpatia e o apoio popular (VISACRO, 2009). Veremos, a seguir, como as variáveis “apoio da população” e “forças antagônicas” influenciaram no processo revolucionário.

3.2 Fraquezas do contrainsurgente: apoio da população e forças antagônicas

Cuba, em meados do século XX, estava longe de ser um paraíso. Do ponto de vista econômico, 40% dos cubanos estavam ocupados em atividades remunerativas; trabalhavam na agricultura e a grande maioria das unidades agrícolas eram fazendas de subsistência, que utilizavam exclusivamente o trabalho da família. Nessa ínfima situação econômica, o camponês era a figura esquecida da sociedade cubana. Não dispunha de escola para os filhos, de atendimento médico e até mesmo a igreja tinha um papel secundário entre esses trabalhadores, concentrando-se nas cidades (HUBERMAN; SWEEZY, 1961). A razão da existência do camponês urbano, antes da revolução, era muito simplesmente ser explorado pelos outros.

¹⁹ Diferenças entre o socialismo e o comunismo, segundo a historiadora Cristina Meneguello, da Universidade estadual de Campinas (Unicamp): "No socialismo, a sociedade controlaria a produção e a distribuição dos bens em sistema de igualdade e cooperação. Esse processo culminaria no comunismo, no qual todos os trabalhadores seriam os proprietários de seu trabalho e dos bens de produção". Para o historiador Alexandre Hecker, da Universidade Estadual Paulista (Unesp): "Pode-se entender o socialismo, num sentido mais limitado, significando as correntes de pensamento que se opõem ao comunismo por defenderem a democracia. Em contraposição, o comunismo serviria de modelo para a construção de regimes autoritários".

²⁰ Existem diversas hipóteses sobre a origem desta corrente ideológica. A mais aceita reza que o anti-imperialismo teve suas raízes no final do século XIX, sustentada por contraditores ao colonialismo e neocolonialismo. O cubano José Martí é considerado o fundador desta corrente e ganhou tal reputação quando influenciou a população de Cuba com sua ideologia separatista, iniciando a chamada guerra de 1895, na qual Cuba buscava a separação da soberania espanhola (MARTIN; O'CALLAGHAN; ROACH, 2008).

Essas considerações demonstram como estava o potencial revolucionário do povo cubano naquela época. Os camponeses cubanos tiveram várias oportunidades de iniciar um movimento revolucionário no passado, entretanto, faltava um líder, camponês ou não, que levasse a termo a esperança de reforma. Quando encontraram esse líder, revelaram uma verdadeira natureza revolucionária. A estratégia escolhida, ou imposta a Fidel e seus amigos (a invasão partindo do México e o estabelecimento de um movimento de guerrilhas em *Sierra Maestra*) dependia inteiramente de sua capacidade de inspirar, organizar e conservar o apoio dos camponeses (HUBERMAN; SWEEZY, 1961).

O espírito revolucionário e de persistência de Fidel e de seus companheiros na resistência contra a ditadura de Fugêncio havia contagiado o povo cubano. Através da luta de guerrilha, com o apoio dos camponeses e a divulgação de ideias que beneficiariam o povo, o que era sonho tornou-se realidade. Os revolucionários começaram a receber ajuda e adesão da população; administravam uma área de 8000 km²; tinham levado a cabo uma reforma agrária que incluiu a distribuição de 6000 cabeças de gado e já haviam estabelecido vinte e cinco escolas, hospitais ²¹ e uma estação de rádio. Nas cidades, grupos aderiram à ideia de derrubar o governo tirano de Batista. A guerrilha cada vez mais ganhou território através da perfeita junção entre a liderança insurgente e o camponês de *Sierra Maestra* (SADER, 1985). Veremos, a seguir, como as relações das “forças antagônicas” contribuíram também para o sucesso da revolução.

Inicialmente, vale a pena ser colocada uma questão importante sobre as forças antagônicas: como pode uma força armada, composta pelo Exército, Marinha e Força Aérea, com trinta mil homens, equipados com as melhores armas modernas e com milhões de dólares para manter um fluxo incessante de abastecimento de víveres, armas e munição, perder para

²¹ Hospitais eram os locais onde eram tratados os guerrilheiros feridos e parte da população camponesa que sofria de alguma enfermidade. A escola como local onde eram alfabetizados guerrilheiros e parte da população camponesa (SADER, 1985).

doze homens, cada um com um rifle e dez cartuchos, escondidos no alto de uma montanha? A resposta a essa pergunta exemplifica as características da guerra irregular, que torna possível a luta do mais fraco contra o mais forte. É evidente que essas forças nunca se alinharam frente a frente em um campo de batalha. De fato, eles não eram apenas doze homens, tinham aliados em toda a parte, nas montanhas e vales, nos campos, vilas e cidades. Homens, mulheres e crianças estavam aos seus lados contra a tirania e corrupção. Essas pessoas identificaram-se com o Exército Revolucionário. Era, na verdade, um exército diferente, chefiado por um comandante diferente (HUBERMAN; SWEEZY, 1961).

O modelo do Exército Revolucionário preconizava que a luta armada era o principal instrumento para a tomada do poder, compartilhando no mesmo nível, o comando político e militar. Nesse padrão, a guerra era deflagrada a partir de um núcleo ou “foco” guerrilheiro, que se constituía da vanguarda revolucionária. Esse foco deveria ser instalado em áreas remotas e inacessíveis, que proporcionassem além da liberdade de ação, locais de homizio, redutos e “santuários”²² aos rebeldes. O “foquismo” forneceu uma alternativa revolucionária viável em curto prazo, pois dispensava o lento amadurecimento de condições objetivas, o fortalecimento das organizações de massa ou a disseminação de uma consciência revolucionária em escala nacional. A luta armada, sem o inchado aparato partidário ou a letargia da burocracia sindical, tornar-se-ia a grande força propulsora da revolução política e da transformação social. Essa teoria acabou influenciando os modelos revolucionários latino-americanos, nos anos de 1960 e 1970. O Partido Comunista do Brasil (PC do B), por exemplo, que se autoproclamava “maoista”²³, não foi além de um malfadado foco guerrilheiro, instalado no início da década de 1970 (VISACRO, 2009).

²² Diferente da visão de David Galula, Visacro considera “santuários” como locais, dentro do próprio país, que permitiam as condições adequadas para o desenvolvimento da guerrilha, oferecendo segurança e homizio para as forças insurgentes e de onde, no caso da Revolução Cubana, eram instalados os “focos” guerrilheiros.

²³ Diferente do “foquismo”, o “Maoísmo” teve a característica da conscientização gradual das massas camponesas que formou as bases do “exército vermelho” que, nas décadas seguintes, desempenhou papel central na vitória dos revolucionários comunistas (TSE-TUNG; ZEDONG, 2007).

Fidel Castro utilizou a propaganda para reforçar o movimento revolucionário e o apoio popular, além de desmotivar as forças do governo. O povo podia, a partir de então, saber o que estava acontecendo, inclusive as atrocidades realizadas pela ditadura de Batista. Relembrava os feitos heroicos do Exército Revolucionário, conseguindo cada vez mais o despertar da consciência do povo para a luta gloriosa (HUBERMAN; SWEEZY, 1961).

Com relação às forças regulares, sua decadência teve início na Revolta dos Sargentos²⁴, em 1933, que destruiu o Exército Cubano como um instrumento do domínio oligárquico tradicional. A burguesia cubana falhou ao criar suas próprias instituições. Batista converteu o exército em sua máquina pessoal. Seus amigos monopolizaram a estrutura de comando das Forças Armadas Cubanas. O efetivo e o salário do exército foram aumentados, constituindo 22% do orçamento das despesas militares. Entretanto, Batista era politicamente isolado, uma vez que não possuía raízes reais na formação das classes locais. Foi obrigado a fazer alianças internas, dentro dos limites fixados pela política internacional e econômica dos EUA no período (O’KANE, 2010).

As forças do governo, por um curioso processo dialético, era um abastecedor da causa rebelde em homens e armamentos. Seu exército e sua polícia ultrapassaram o próprio Hitler no trato dos soldados rebeldes aprisionados, ou daqueles que agiam no movimento revolucionário. Os espancamentos e torturas eram tão horrendos como os praticados pelos franceses na Argélia, que fomentou, cada vez mais, um movimento anti Batista contra a corrupção e tirania em Cuba (KAROL, 1970).

Mao Tse-Tung aborda no seu livro Guerra de Guerrilha, conforme o ANEXO a pesquisa, a situação da Revolução Cubana sob o ponto de vista de determinantes comuns às forças de Batista e Fidel. Sob a ótica do autor, em uma escala de pontuação estipulada por ele

²⁴ Golpe de Estado em Cuba em 1933 ou Revolta dos Sargentos, foi um conflito armado liderado por uma fração rebelde em Havana, Cuba, liderada por Fulgêncio Batista, com a intenção de derrubar a presidência de Ramón Grau San Martín (LÓPEZ; MATHIAS, 1975).

de 0 a 10, os fatores analisados mostraram um poder de combate de três para dois para os insurgentes.

Conclui-se, portanto, que apesar das forças de Fidel terem sido bem mais fracas em número e equipamentos, a soma desses determinantes tornaram-nas melhores que as do governo.

As tropas do governo se convenceram rapidamente de que não estavam adestradas para esse gênero de guerra. Apesar da campanha militar ter chegado a proporção de 40 para 1, lutar em campo aberto, em fileiras ordenadas, com um inimigo colocado à frente, era a realidade a qual estavam acostumados. Subir sem parar montanhas escarpadas, com mochilas pesadas às costas e balas que vinham de todas as direções, com um inimigo que não se via, era bem diferente (HUBERMAN; SWEEZY, 1961). A seguir, serão estudadas as condições geográficas, nas variáveis “configuração” e o “terreno de cuba”, que juntamente com as variáveis já analisadas, tornaram possível a Revolução Cubana.

3.3 Condições geográficas: configuração e o terreno de Cuba

Cuba é a maior das ilhas que formam as Antilhas, com uma área total de, aproximadamente, 110.000 km². Comprida e estreita, estende-se por 1.192 km da extremidade ocidental à oriental e sua largura vai de 35 a 200 km. Está localizada a 144 km ao sul de Key West, EUA, e a 180 km do território continental do México (HUBERMAN; SWEEZY, 1961).

Com relação ao terreno cubano, a terra é extremamente fértil²⁵, sendo mais da metade de sua área cultivável não apenas em termos da fertilidade, mas também pela sua topografia, em que metade da ilha constitui-se de terras planas ou com pequenas elevações, o que permitiu o sucesso da monocultura da cana de açúcar. O restante do terreno é constituído por montanhas, cobertas, na sua maioria, por vegetação densa. As mais altas e mais

²⁵ A configuração e o terreno cubano não se alteraram da época da Revolução Cubana até os dias atuais. Dessa forma, está sendo utilizado o verbo no tempo presente para descrever essas características.

acidentadas estão em *Sierra Maestra*, no extremo leste da província de Oriente. Outras cadeias montanhosas encontram-se no litoral sul, no centro da ilha e na província mais ocidental. Os pequenos e estreitos rios que correm dessas montanhas são geralmente rasos o que não permitiu a utilização, como via de transporte, pelos beligerantes (HUBERMAN; SWEEZY, 1961).

Um exemplo de como o terreno dificultou a ação das forças do governo ocorreu em 05 de maio de 1958. Doze mil homens foram lançados na batalha, com equipamentos modernos, a maioria comprada nos EUA, contra trezentos revolucionários uniformizados. Para compensar essa esmagadora superioridade, os rebeldes possuíam, além do treinamento de guerrilha, o conhecimento e a otimização na utilização do terreno, visto que a batalha seria travada em seu território, *Sierra Maestra*, uma região de montanhas acidentadas e florestas traiçoeiras, ideal para a guerrilha e para a luta defensiva. O moral das forças regulares diminuiu quando as chuvas chegaram trazendo a lama, a umidade e as noites frias, o que tornou a vida dos soldados ainda mais difícil. A campanha terminou com a derrota das forças do governo três meses depois. Somando-se as baixas e deserções, o resultado atingiu 10 % do efetivo militar de Batista e uma proporção muito maior de armas, tanques, bazucas, jipes e munição haviam sido tomados pelo Exército Revolucionário (HUBERMAN; SWEEZY, 1961).

Analisando a configuração de Cuba para o movimento insurgente, o país possui 3,480 km de costas, nas quais se encontram excelentes pesqueiros e muitas baías que constituem formidáveis e bem protegidos portos. Batista priorizou o exército na composição de suas forças em detrimento das outras, o que ocasionou uma revolta na Marinha, em 1957, demonstrando como estava o nível de descontentamento das forças do governo (HUBERMAN; SWEEZY, 1961). Como não houve apoio externo ao movimento revolucionário vindo pelo mar, o controle da área marítima foi quase nulo pela Marinha

Cubana, concentrando seus esforços na força terrestre. Como Cuba é um país insular, não houve pelos insurgentes a possibilidade da utilização da fronteira continental para fugir da pressão das forças do governo. Entretanto, nesse caso específico, os insurgentes conseguiram dentro do próprio país, regiões para o homizio e segurança das suas forças, chamados “focos” guerrilheiros.

A seguir, veremos como se comportam as variáveis selecionadas no modelo cubano, observando-se a interação entre elas.

3.4 Análise interativa da realidade histórica

A interação das variáveis selecionadas facilitará a comparação, no próximo capítulo, entre a teoria de David Galula e a realidade histórica. A tabela abaixo, como no capítulo anterior, mostra as possíveis interações das variáveis estudadas separadamente neste capítulo.

QUADRO 3
Interação das variáveis da Revolução Cubana selecionadas para o estudo

	Apoio da população	Forças antagônicas	Configuração e terreno de Cuba
Apoio da população	x	a	b
Forças antagônicas	x	x	c
Configuração e terreno de um Cuba	x	x	x

Análise das Interações:

a) **Apoio da população x forças antagônicas** – Os motivos ou causas do início da Revolução Cubana foram o total abandono do povo, principalmente da população rural, desprovida de emprego e arrasada pela monocultura do açúcar, associado a um governo corrupto e violento. Esse camponês, desassistido, inicialmente escondia os rebeldes e,

posteriormente, como classe, estavam apoiando o movimento revolucionário, transformando-se de observadores passivos em participantes ativos, aumentando os efetivos dos insurgentes, a sua rede de inteligência e o apoio logístico.

Essa característica simbiótica em Cuba explica o porquê do modelo “foquismo”, onde a revolução se iniciou a partir da luta armada, diferente do “maoismo” da Guerra Prolongada, ter dado certo. O que não ocorreu em outros países, como a Bolívia e até mesmo o Brasil, onde os rebeldes foram tratados com desconfiança pela população rural, acarretando o isolamento do “foco” guerrilheiro e a falta do apoio da população. Essa união entre a população e os revolucionários ganhou força pela forma como o exército regular realizou suas operações, através da tortura e dos assassinatos, com o objetivo de esmagar a resistência. Esse modelo seguiu o francês, na Argélia, que da mesma forma não logrou resultado positivo. Dessa forma, apoiado pela propaganda de Fidel, esse tratamento contribuiu para o aumento do efetivo do Exército Rebelde e a diminuição, da quase inexistente, popularidade do governo.

b) **Apoio da população x configuração e o terreno de um país** – O terreno de Cuba, com suas regiões de montanha, escarpas e vegetação densa, permitiu a manutenção do núcleo permanente da luta armada, sendo fundamental que o foco guerrilheiro fosse estabelecido em regiões de difícil acesso aos oponentes. Isso gerou a segurança, homizio e a aproximação da população rural aos insurgentes, isolando-se das forças do governo, que não conseguiram penetrar nessas regiões. Essas características permitiram a operação de campos de treinamento de guerrilheiros, bases logísticas, fábricas, escolas, hospitais, e, até mesmo, a doação e a divisão de terras para os camponeses, caracterizado pelo início da reforma agrária em *Sierra Maestra*.

c) **Forças antagônicas x configuração e o terreno de um país** – As forças do governo estavam despreparadas para as técnicas de guerrilha utilizadas pelos insurgentes, onde o terreno se configurou como o principal aliado. Não possuíam uma cadeia de comando

descentralizada ou estavam acostumados em operar em pequenos grupos. Não possuíam também mobilidade e logística necessária para durarem nesse tipo de combate irregular. Dessa forma, essas forças foram minadas nos centros urbanos, em ações terroristas e nas zonas rurais, pela guerrilha armada. Isso foi traduzido pelo moral baixo das tropas, deserções e derrotas em várias campanhas, mesmo com um poder de combate, por vezes, de 40 x 1.

3.5 Conclusões parciais

Neste capítulo, realizamos a pesquisa da realidade histórica da Revolução Cubana. Relacionamos as mesmas quatro variáveis estudadas no capítulo anterior dos pré-requisitos para o sucesso de uma insurgência. Identificamos que na revolução em Cuba houve a complementação dessas variáveis, em que o sucesso de uma dependeu diretamente do sucesso da outra, influenciando todo o movimento insurgente. Importante ressaltar que essas interações que favoreceram os insurgentes foram fruto do momento político que estava passando o povo cubano, corroborando para o sucesso dessas variáveis e, conseqüentemente, a vitória na revolução. Concluimos, portanto, que a variável “apoio da população” e o “terreno” cubano desbalancearam o poder de combate dos contrainsurgentes, fortalecendo a variável “forças antagônicas” para as forças revolucionárias.

Analisaremos, no próximo capítulo, se as variáveis estudadas na teoria de David Galula foram empregadas da mesma forma na Revolução Cubana e de que maneira elas contribuíram ou não para o sucesso desse evento. Levantaremos, ao final, o grau de importância de cada uma delas dentro desse modelo histórico.

4 AS TEORIAS DE GALULA X REALIDADE HISTÓRICA DA REVOLUÇÃO CUBANA

Neste capítulo faremos uma análise entre as variáveis estudadas na teoria de David Galula e na Revolução Cubana, onde abordaremos se a revolução, dentro dos campos do “apoio da população”, “forças antagônicas”, “configuração” e “terreno de um país”, seguiram ou não a teoria apresentada. Dessa forma, responderemos se a revolução aconteceu dentro do modelo teórico pesquisado e a importância que uma variável teve em relação às outras que permitiu o sucesso da Revolução Cubana na luta do mais fraco contra o mais forte.

4.1 Análise das variáveis de Galula x Revolução Cubana

Abordaremos, a seguir, a relação de cada variável estudada no segundo capítulo e sua utilização na Revolução Cubana, analisando de que maneira ela contribuiu ou não para o movimento revolucionário.

Apoio da População – Nessa variável, considerada como preponderante para o sucesso de um movimento insurgente, o modelo da Revolução Cubana seguiu a teoria de Galula, em que os insurgentes controlaram efetivamente a população do país, se identificando totalmente com os motivos e as necessidades do povo cubano. Dessa forma, os insurgentes conseguiram dissociar, fisicamente e ideologicamente, a população do contrainsurgente, através do apoio e do tratamento dado inicialmente à população rural, que era esquecida pelo Estado. Esse apoio permitiu a fluidez dos insurgentes e a rigidez dos contrainsurgentes, que pode ser exemplificado nos diversos conflitos onde o poder relativo de combate das forças do governo chegaram a 40 x 1 e não foram vitoriosas. Vale ressaltar que parte do sucesso ocorreu pela liderança de Fidel Castro, que conseguiu a perfeita junção entre a guerrilha e o camponês de *Sierra Maestra*, oferecendo, nos momentos iniciais, de acordo com a teoria de Galula, a segurança, e, posteriormente, o desenvolvimento da ideologia do movimento.

Forças Antagônicas – Da mesma forma que o “apoio da população”, o estudo da interação das “forças antagônicas”, sob o ponto de vista dos insurgentes em Cuba, seguiu o modelo de David Galula. O mesmo não ocorreu com os contrainsurgentes, que não observaram esse conceito teórico e foram derrotados.

O insurgente cubano escolheu o momento do início do movimento revolucionário e teve a iniciativa da estratégia, a partir dos diversos “focos” instalados no interior do país. Os guerrilheiros combateram sem uma frente definida de combate, com táticas de guerrilha, captando voluntários onde passavam. Dessa forma, desenvolveram uma guerra bidimensional em prol dos objetivos revolucionários e do controle da população.

As forças do governo, apesar de combaterem com um efetivo maior que 20 x 1 e terem na infantaria, traduzida no Exército Regular, sua principal arma (conceitos observados por Galula), não estavam adestradas para o esse tipo de combate, onde o inimigo se misturava à população e as táticas convencionais não mais funcionavam; além do moral dos seus integrantes ter diminuído progressivamente, principalmente, pela falta de lealdade nas suas fileiras, em comparação aos insurgente, que aumentavam seus efetivos a cada dia.

Configuração – Na teoria de Galula, essa variável privilegia em um movimento insurgente a configuração continental de um país, com a finalidade de aproveitar a região de fronteira como um “santuário”, permitindo aos insurgentes se evadir, evitando assim a pressão dos contrainsurgentes.

A configuração de Cuba, por se tratar de um país insular, não possui fronteiras terrestres e, seguindo a teoria de Galula, esse fator não contribuiu para o sucesso da revolução. Entretanto, essa deficiência foi contrabalançada pela variável “apoio da população” e “terreno” que permitiu a implantação dos “focos” guerrilheiros que substituíram os “santuários” fronteirços na busca de apoio e segurança.

Da mesma forma, o tamanho de um país, que tende a afetar diretamente a insurgência, visto que quanto maior for o país mais difícil é o controle da população pelas forças do governo, não contribuiu para a insurgência. No caso específico de Cuba, por trata-se de um país de pequenas dimensões e com grandes proporções de linhas de costa, essa característica específica deveria ter ajudado os contrainsurgentes. Entretanto, o que foi observado é que, mais uma vez, as variáveis “apoio da população” e “terreno” suplantaram essa deficiência dos insurgentes. Veremos agora como o terreno foi favorável à insurgência e contribuiu decisivamente para o sucesso da revolução.

Terreno de um país – A variável “terreno”, na visão de Galula, que tem significativo impacto na condução de uma insurgência, é caracterizado por montanhas, pântanos e regiões de vegetação densa. Esse tipo de terreno não propiciou somente o sucesso da Revolução Cubana, mas também de vários outros exemplos na história, como as Guerras da Indochina e do Vietnã.

Em Cuba, o terreno montanhoso e de vegetação densa permitiu a aproximação do camponês com o revolucionário, o estabelecimento dos “focos” guerrilheiros, o isolamento das forças do governo e a condução de táticas de guerrilha, que permitiram a luta do mais fraco contra o mais forte. Essas características foram fundamentais para a Revolução Cubana, que não possuía uma configuração adequada para o sucesso do movimento. O Exército cubano não explorou essa variável e permitiu, dessa forma, o sucesso dos insurgentes que conseguiram estabelecer “santuários” dentro do próprio país e com isso conduzir toda a revolução.

Veremos agora qual foi a grau de importância das variáveis estudadas na Revolução Cubana.

4.2 Conclusões parciais

Nossa pesquisa indicou que a Revolução Cubana não seguiu todas as variáveis estudadas da teoria de David Galula. O sucesso do movimento revolucionário só foi possível pela sábia utilização de algumas dessas variáveis pelos insurgentes e a não utilização pelas forças do governo. Dessa forma, podemos estabelecer um grau de importância entre elas.

O “apoio da população” foi a variável mais importante e onde se baseou todo o movimento revolucionário. Sem esse apoio os insurgentes não chegariam à vitória. Mesmo não seguindo a teoria da “Guerra Prolongada” de Mao Tsé-Tung, que visa à construção ideológica desse apoio, o modelo cubano conseguiu, na luta contra a tirania do governo, a rápida aceitação popular.

O “terreno” cubano foi a segunda variável mais importante, que permitiu a união entre o camponês e o insurgente, o estabelecimento dos “focos” guerrilheiros e a utilização de táticas de guerrilha. Sem essas características, dificilmente os insurgentes conseguiriam ganhar os diversos conflitos que levaram à vitória, principalmente nos momentos iniciais da revolução.

As “forças antagônicas” tiveram um peso importante no conflito, principalmente, no que tange ao despreparo e o moral baixo das tropas do governo. Entretanto, a exploração dessas características pelos insurgentes só foi possível com o “apoio da população” e a sábia utilização do “terreno”.

Por fim, a “configuração” de Cuba não teve peso nenhum na Revolução Cubana e acabou não sendo um fator de força para os contrainsurgentes, que não exploraram essa variável. Os insurgentes contornaram essa deficiência geográfica com o estabelecimento dos “focos” guerrilheiros.

Veremos, a seguir, as conclusões da pesquisa.

5 CONCLUSÃO

Para a realização desta pesquisa, foi escolhido um teórico conhecido, responsável pelo florescimento das teorias de contrainsurgência nos EUA, sendo referência inclusive nos conflitos atuais que ocorreram no Afeganistão. Foi escolhida também uma realidade histórica em que o lado nitidamente mais fraco saiu-se vencedor frente a um inimigo, indiscutivelmente, mais forte, como foi o caso da revolução ocorrida em Cuba, entre os anos de 1953 a 1959. O propósito deste estudo era responder se a Revolução Cubana teria acontecido dentro do modelo teórico de David Galula, no que diz respeito às variáveis “apoio da população”, “forças antagônicas”, “configuração” e “terreno de um país” e a importância que cada uma delas teve para o sucesso da revolução, a fim de validar a teoria para o estudo e aplicação nos dias atuais, servindo como base para os planejamentos e adestramentos militares.

Para atingir esse objetivo foram estudadas algumas passagens do conflito em Cuba, onde pudemos observar o emprego do conceito teórico de Galula e o grau de importância dessas variáveis. O “apoio da população” e o “terreno” foram essenciais para o sucesso da campanha revolucionária, permitindo o desbalanceamento do poder relativo de combate das “forças antagônicas” e sobrepujar a deficiência da “configuração” insular de Cuba, que, em tese, ajudaria o contrainsurgente. Para isso, o trabalho foi composto de três capítulos, abordando as variáveis teóricas estudadas, a análise dentro da Revolução Cubana e, por fim, a interação entre a teoria e a realidade.

No primeiro capítulo, apresentamos um breve histórico do teórico e de sua teoria, delimitando o estudo nas variáveis “apoio da população”, “forças antagônicas”, “configuração” e o “terreno de um país” e, no final do capítulo, realizamos a interação entre elas, mostrando como o sucesso de uma dessas variáveis depende diretamente do sucesso da outra.

No segundo capítulo, foi realizado um breve histórico da Revolução Cubana, a fim de introduzir o leitor no contexto político e econômico da época; foram pesquisadas pas-

sagens que exemplificassem as variáveis estudadas anteriormente e a interação entre elas. Não foi fruto desse trabalho o estudo da ideologia socialista de Fidel Castro e, tampouco, sua posterior união com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A análise foi em torno da revolução propriamente dita, onde não existiu a defesa de uma ideologia definida, apesar que, da forma como foi conduzida, o modelo cubano de revolução alinhou-se ao viés socialista.

No terceiro capítulo, identificamos onde o modelo estudado se aproximou da teoria de David Galula e o grau de importância entre as variáveis pesquisadas. Esse estudo foi importante para provar que a fraqueza ou deficiência de algumas delas não inviabilizou o processo revolucionário.

Concluindo a presente pesquisa, observamos que a população cubana, oprimida, rapidamente se alinhou com as ideias revolucionárias. Ficou evidenciado que sem esse apoio a insurgência não teria alcançado o sucesso. A relação entre a população e os insurgentes era de total apoio mútuo. Isso foi possível graças ao isolamento do Estado cubano, principalmente na assistência à população rural, somado a opressão que o ditador Fulgêncio Batista, com sua política corrupta, infringiu ao seu povo. O “terreno cubano”, montanhoso e com vegetação densa, permitiu o desenvolvimento dos “focos” guerrilheiros e a utilização de táticas de guerrilha nos confrontos contra o Exército Regular, utilizando uma forma de combate em que as forças do governo não estavam adestradas para lutar. Essa junção povo e terreno foram os alicerces para a vitória do modelo cubano. A relação entre as “forças antagônicas” foi consequência direta dessas duas primeiras variáveis, onde, em número, as forças do governo tinham um poder relativo de combate de 40 x 1, mas, na prática, como vimos na tabela de Mao Tsé-Tung, somado a outros fatores determinantes, passou de 3 x 2, para os insurgentes. A variável “configuração” não influenciou a Revolução Cubana, pois essa característica geográfica não

foi explorada pelas forças do governo e foi contornada pelos insurgentes através do estabelecimento dos “focos” guerrilheiros.

Vimos a validade do modelo teórico apresentado e a importância dessa teoria para a aplicação em diversas realidades históricas, visto que o conceito de Galula respondeu o porquê do sucesso do movimento revolucionário cubano e de como as interações das variáveis estudadas influenciaram todo o processo.

Nesta pesquisa, não foi possível estudar as outras variáveis que complementam o estudo dos pré-requisitos do sucesso de uma insurgência. Para estudos futuros, sugere-se que sejam consultados trabalhos que permitam fazer uma análise das outras variáveis dentro da mesma ou de outra realidade histórica.

Por fim, a pesquisa indicou a importância do entendimento das variáveis do modelo de Galula e sugere que a Marinha do Brasil, caso considere de interesse estar pronta para esse tipo desgastante de conflito, deva incentivar, nas suas escolas de formação e nos seus adestramentos, os militares para esse tema específico, ampliando e melhorando suas capacidades.

A pesquisa também deixou claro que a guerra irregular e a insurgência são fenômenos de natureza social. Para melhor entender esse tipo de conflito, precisamos romper o estereótipo da confrontação militar formal, caracterizada pelo genocídio de infantess, duelos de artilharia e emprego de grandes formações blindadas. Cresce, dessa forma, a importância do emprego de tropas especiais, de grande mobilidade e efetivos descentralizados, conhecedores do terreno e das táticas de combate de contra guerrilha.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, J. L. *Che Guevara: A Revolutionary Life*. 1. ed. United States: Avalon Travel Publishing, 1998. 814 p.
- BENABDALLAH, Saïd. *La Justice du FLN pendant la guerre de libération*. 1.ed. L'Université du Michigan: ENAG éditions, 2006. 111 p.
- CASTRO, Fidel. *History Will Absolve Me*. United States: Citadel Press, 1984. 61 p.
- _____. *Reflexões do Companheiro Fidel: A Política Cínica do Império*. Havana, 25 Maio 2008. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/reflexiones/2008/por/f250508f.html>>. Acesso em: 04 Agosto 2015.
- CUSHION, Stephen. *Organised Labour and the Cuban Revolution, 1952-1959*. 2012. 280 f. Tese (Doutorado em História) - Institute for the Study of the Americas, University of London, Londres, 2012.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255 p.
- FISHER, Frank; MILLER, Gerald; SIDNEY, Mara. *Handbook of Public Policy Analysis: Theory, Politics, and Methods*. New York: CRC Press, 2006. 672 p.
- GALULA, David. *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*. New York and London: Frederick A. Praeger, Inc., 1964. 118 p.
- KAROL, K. S. *Les Guérilleros au Pouvoir: l'itinéraire politique de la Révolution Cubaine*. Paris: Laffont, 1970. 590 p.
- KIRAS, James D. *Irregular Warfare: Terrorism and Insurgency, Strategy in the Contemporary World*. I: BAYLIS, John; WIRTZ, James J; COLIN S. (Org). *Strategy in the Contemporary World*. 4. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010. 456 p.
- LÓPEZ, Barquin; MATHIAS, Ramón. *Las luchas guerrilleras en Cuba: de la colonia a la Sierra Maestra*. 1. ed. Espanha: Editorial Playor, 1975. 422 p.
- MARLOWE, Ann. *David Galula: His Life and Intellectual Context*. 2010. 61 f. Monografia (Instituto de Estudos Estratégicos) - U. S. Army War College, Carlisle, 2010.
- MARTI, José Julián. *Selected Writings*. London: Penguin Books, 2002. 496 p.
- MARTIN, Griffiths; O'CALLAGHAN, Terry; ROACH, Steven. *International Relations: The Key Concepts*. 2. ed. New York: Routledge, 2001. 416 p.
- O'KANE, Rosemary. *Revolution: Critical Concepts in Politics Sciences Vol. 3*. New York: Taylor & Francis, 2000. 560 p.

OLIVEIRA, Sérgio. *Movimentos de insurgência: história e técnicas de forças irregulares para o futuro*. 2013. 376 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, 2013.

PETRAEUS, David. *The US Army/Marines Corps Counterinsurgency Field Manual*. 1. ed. Chicago : University of Chicago Press, 2007. 472 p.

SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Ed. Moderna, 1985. 103 p.

SILVA, Teixeira. *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX*. Vol 2. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2004. 304 p.

SWEEZY, P. M.; HUBERMAN, Leo. *Cuba: Anatomy of a Revolution*. 2. ed. London: Monthly Review Press, 1961. 208 p.

TRINQUIER, Roger *et al.* *Modern Warfare: A French View of Counterinsurgency*. New York: Praeger Security International, 2006. 120 p.

TSE-TUNG, M; ZEDONG, M. *On Guerrilla Warfare*, with a introduction by Brigadier General S.B. Griffith. New York: Praeger Security International, 1961. 144 p.

VISACRO, Alessandro. *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Editora Contexto, 2009. 384 p.

ANEXO

QUADRO 2

Situação da Guerrilha Revolucionária em Cuba

DETERMINANTES	FIDEL CASTRO	BATISTA	OBSERVAÇÃO
Atração do programa	Progressivo, positivo (8)	Estático, negativo (3)	O governo de Batista era opressivo e reacionário
Apoio popular	Crescente, ativo (7)	Decrescente, passivo (3)	
Qualidade da liderança	Excelente, dedicado (8)	Medíocre a pobre (4)	
Qualidade das tropas	Boa, melhorando a excelente (8)	Boa, diminuindo para razoável (5)	
Eficiência militar	Crescente (6)	Medíocre a pobre (4)	Em situações de guerrilha
Unidade Interna	Positiva, forte (8)	Fraca (3)	
Equipamentos	Pobre, melhorando a bom quando tomados do Exército Regular (4)	Em grande parte dos EUA, excelentes (8)	Rádios, veículos de transporte, suprimentos médicos, etc. Disponíveis para o Exército Regular
Base terrestre	Operacionalmente favorável (10)	Desfavorável (3)	
Santuário	Não possuía (0)	Trata-se de uma ilha (10)	Disponível para descanso, treinamento, base logística
Soma dos determinantes	69	46	3x2

Fonte: Mao Tse-Tung e Zedong, 2007

Nota: A última coluna a direita mostra o poder relativo de combate de insurgentes e contrainsurgentes, respectivamente, após a análise dos determinantes.